



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

LUCAS BATISTA JANUÁRIO DA SILVA

**FEIRA DE TROCAS DO MERCADO CENTRAL DE CAMPINA GRANDE-PB: uma
atividade informal em expansão.**

**CAMPINA GRANDE-PB
JUNHO - 2011**

LUCAS BATISTA JANUÁRIO DA SILVA

**FEIRA DE TROCAS DO MERCADO CENTRAL DE CAMPINA GRANDE-PB: uma
atividade informal em expansão.**

**Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB,
como cumprimento às exigências legais para
obtenção do grau de licenciado em Geografia.**

Orientador: Profº Dr. Antônio Albuquerque da Costa

**CAMPINA GRANDE-PB
JUNHO - 2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586f Silva, Lucas Batista Januário da.
Feira de trocas do mercado central de Campina Grande – PB. [manuscrito]: uma atividade informal em expansão./ Lucas Batista Januário da Silva. – 2011.
51 f. : il. : color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.
“Orientação: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa, Departamento de Geografia”.

1. Feira de trocas 2. Comércio informal 3. Campina Grande I. Título.

21. ed. CDD 617.14

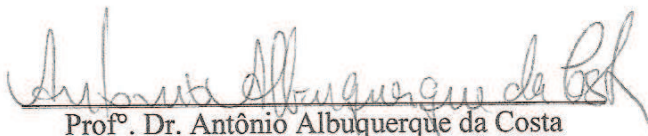
LUCAS BATISTA JANUÁRIO DA SILVA

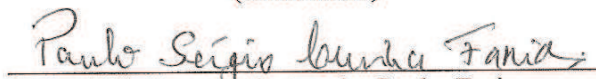
FEIRA DE TROCAS DO MERCADO CENTRAL DE CAMPINA GRANDE-PB: uma
atividade informal em expansão.

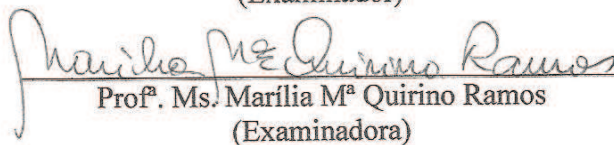
Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba-UEPB, como cumprimento às exigências
legais para obtenção do grau de licenciado em
Geografia.

Campina Grande, 16/06/2011

Banca examinadora


Prof.^o. Dr. Antônio Albuquerque da Costa
(Orientador)


Prof.^o. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias
(Examinador)


Prof.^a. Ms. Marília M^a Quirino Ramos
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, João Batista e Eurides Januário,
A todos os meus irmãos e irmãs,
À minha noiva, Patrícia Corrêa,
A todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me sustentou nos momentos difíceis, não apenas na vida acadêmica, mas em todos os momentos da minha vida.

Aos meus familiares, em especial a minha mãe, Eurides Januário, pela força, perseverança passada dia a dia, colaborando para que eu tivesse êxito nesta trajetória.

À Patrícia Correia, minha noiva, pelos incentivos que me foram dados.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa, pela dedicação, paciência e sugestões que me foram dirigidas.

A todos os colegas da turma da faculdade, fundamentais, pelo entusiasmo e cooperação para o sucesso de cada um de nós.

Aos professores, que ao longo dessa trajetória, souberam transmitir seus conhecimentos de forma ética, responsável, comprometidos com a formação de um profissional que pretende atingir seus objetivos.

À UEPB, pela grande contribuição dada a sociedade paraibana, na formação de indivíduos críticos e formadores de uma sociedade mais justa.

Aos comerciantes e moradores da feira de trocas, que forneceram informações necessárias para a construção desse trabalho, juntamente com os moradores antigos, que se dispuseram a emitir as preciosas informações, fundamentais para o conhecimento da realidade mostrada nesta monografia.

Por fim, a todos que direta e indiretamente contribuíram para conclusão desse curso, a todos minha gratidão e meus agradecimentos.

RESUMO

SILVA, Lucas Batista Januário da. **Feira de Trocas do Mercado Central de Campina Grande-PB: Uma atividade informal em expansão**. 2011. Monografia (graduação) Curso de Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande-PB, junho 2011.

Em pleno centro da cidade de Campina Grande-PB, acontece uma atividade informal que vem chamando a atenção de autoridades governamentais, moradores e comerciantes da área da feira central, é a chamada “feira de trocas”. Constituída por pessoas de vários bairros e até de outras cidades circunvizinhas, que na luta diária pela sobrevivência, às quartas-feiras e aos sábados, trazem produtos variados para serem comercializados livremente na referida feira. Os ambulantes buscam vender, comprar, trocar qualquer produto que seja portador de valor monetário, são pássaros, eletrodomésticos, calçados, roupas, ferramentas, celulares, DVDs, entre outros produtos. O que vem chamando atenção é o fato desta atividade estar em expansão, onde antes havia uma pequena quantidade de pessoas, que se reunia em uma calçada da Rua Manoel Pereira de Araújo, para trocar seus pássaros, hoje a referida rua tem sua paisagem completamente modificada em dias que ocorre tal feira, ficando tomada completamente pelos feirantes, causando transtornos aos comerciantes dos estabelecimentos locais e moradores da rua que sequer conseguem chegar a suas casas nos referidos dias, por causa da interrupção do tráfego de veículos. Desta forma surgiu, o interesse de estudar essa atividade, por se tratar de uma atividade informal, enquadrada no circuito inferior, tão discutida por autores da Geografia. A pesquisa busca obter esclarecimentos que possam responder às inquietações, de órgãos governamentais e principalmente da sociedade em geral. Portanto, este trabalho tem como objetivo principal, analisar os fatores que influenciaram a vinda desses feirantes, identificando as razões que vêm ocasionando o crescimento exacerbado desta atividade informal nesse espaço. A pesquisa pretende também identificar os motivos que levaram tantos feirantes a desempenharem esta atividade, definir parâmetros socioeconômicos, envolvida nessa atividade, demonstrar o grau de relevância que essa atividade representa para os ambulantes. A presente monografia foi desenvolvida de acordo com o método dialético, por fazer interpretações dinâmicas da realidade social e espacial do objeto, dentro do contexto social, político e econômico da sociedade brasileira pretérita e atual. Os instrumentos para a coleta de dados foram entrevistas e questionários com questões semi-abertas com os feirantes e moradores para obter as informações necessárias para o entendimento e identificação dos itens supramencionados assim como as razões pelas quais os ambulantes migraram para tal local. Concluiu-se que entre os principais fatores responsáveis pelo crescimento de tal feira estão: o fácil acesso a bens de consumo, a falta de políticas públicas no combate a miséria, a desqualificação profissional dos ambulantes e baixas escolaridades, dificultando a inserção dos mesmos ao mercado de trabalho formal, restando para esses, desempregados, sobreviver de atividades informais.

Palavras-chave: Feira de trocas; Comércio informal, Campina Grande, Circuito inferior.

ABSTRACT

SILVA, Lucas Batista Januário da. **Feira de Trocas do Mercado Central de Campina Grande-PB: Uma atividade informal em expansão.** 2011. Monografia (graduação) Curso de Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande-PB, junho 2011.

There is a formal activity right downtown in Campina Grande which has attracted the attention of government authorities, dwellers, and store owners established in the street market location well known as “Feira de Trocas.” People from several suburbs and even from small towns near Campina Grande gather in that area on Wednesdays and Saturdays in order to sell, buy, and swap things as a means to struggle for their lives. Street sellers and people involved trade a great variety of items ranging from appliances, shoes, clothes, tools, cell phones, DVDs to birds. This activity that long began with a small group of people who gathered on the sidewalk of Rua Manoel Pereira de Araujo to swap birds has been surprising growing since then. Now most of that area is taken by street sellers and buyers whose activity has caused a change of the street view, besides disturbing local store owners and residents who can hardly get to their houses due to traffic congestion. This fact motivated the study of the phenomenon as an informal activity which, although pertaining to an inferior social circuit, has been broadly discussed by geography authors. The work aims to search for answers to concerns on the part of government institutions and the society in general. Thus, the primary objective of this work is to analyze the factors that have attracted informal traders, to identify the cause of this informal activity growth in that area, as well as to investigate the reasons that have stimulated such street traders to develop this activity, to define the socioeconomic parameters involved in it, and to point out its importance for those people’s lives. The present work was carried out with the dialectic method making dynamic interpretations of the social and spatial reality of the study object, considering the political and socioeconomic context in the current Brazilian society. Interviews and questionnaires with semi-open questions were used to collect data from street sellers and dwellers in order to get information necessary to understand both this factor and the reasons of those traders’ migration to that specific area. The study concluded that there are some significant factors contributing to such a market growth: easy access to consumer goods, lack of public policies to fight misery, and low education level as well as poor professional qualification of the street sellers who, non-qualified for the labor market, search for informal activities to survive.

Keywords: Street swap market; Informal trade; Campina Grande; Inferior circuit

LISTA DE FOTOS

FOTO 01 - Feirantes na calçada da FIEP, Campina Grande.....	24
FOTO 02 – Feirantes na calçada da maternidade Elpidio de Almeida, Campina Grande.....	24
FOTO 03 – Feirantes na Rua Manoel Pereira de Araújo, Campina Grande.....	25
FOTO 04 – Rua Duque de Caxias, Adjacente a feira da Prata, Campina Grande.....	32
FOTO 05 – Produtos comercializados na feira de troca.....	39
FOTO 06 – Rua Manoel P. de Araújo, em dia que não ocorre a feira de trocas.....	44
FOTO 07 – Rua Manoel P. de Araújo, em dia que ocorre a feira de trocas.....	45

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Motivo pelo qual os feirantes vieram desenvolver esta atividade.....	38
GRÁFICO 02 – Escolaridade dos feirantes.....	40
GRÁFICO 03 – Principais dificuldades dos feirantes.....	41
GRÁFICO 04 – Quantidade de feirantes que desempenham outra atividade profissional.....	46

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Representação cartográfica do Estado da Paraíba com destaque para o Município de Campina Grande.....	18
FIGURA 02 – Locais onde se realizam as feiras de trocas de Campina Grande.....	25
FIGURA 03 – Ao centro a Rua Manoel P. de Araújo, em dia que ocorre a feira de trocas.....	42
FIGURA 04 – Ao centro a Rua Manoel P. de Araújo, em dia que não ocorre a feira de trocas.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. CAMPINA GRANDE E SEU DESENVOLVIMENTO.....	18
2. UM BREVE RECORTE ESPAÇO/TEMPORAL DA FEIRA DE TROCAS DE CAMPINA GRANDE-PB.....	21
3. A POBREZA NA GLOBALIZAÇÃO E A NECESSIDADE DA SOBREVIVÊNCIA	27
4. AS FEIRAS DE TROCAS E SEUS PRECONCEITOS.....	31
5. PERFIL DOS FEIRANTES DA FEIRA DE TROCAS.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Na Rua Manoel Pereira de Araújo, no mercado central de Campina Grande-PB, encontra-se, nas quartas e aos sábados, um aglomerado de pessoas no meio da rua, vendendo, trocando, comprando objetos variados. É a Feira de Trocas, ou Feira do Rolo, como é conhecida em outras regiões do Brasil.

A realização desse tipo de atividade tem trazido transtornos em diversos lugares, pois em sua maioria, são realizadas ao ar livre, em vias públicas (Ruas e/ou calçadas), trazendo prejuízos àqueles que precisam circular por tais espaços públicos, interrompidos pelos feirantes que compõem as feiras de trocas.

Diante dos fatos supracitados, que surgiu o interesse de realizar a pesquisa desse setor informal, por compreender que tal atividade, merece uma análise geográfica, pelas modificações espaciais que a feira de trocas tem causado naquele local. Além desse mercado livre, ser uma expressão do Circuito Inferior, tão discutida por autores da Geografia, sobretudo Milton Santos.

Dessa forma, o referido estudo tem como objetivo geral, esclarecer as causas do crescimento dessa atividade informal, a feira de trocas, em especial na Feira Central de Campina Grande-PB, uma vez que nos últimos anos tem se apresentado, um crescimento exacerbado, motivo pelo qual, foi escolhida como objeto desse estudo.

Pretende-se, nesse estudo, desvendar fatores preponderantes para a ocorrência dessa feira e o porquê do seu crescimento. Portanto, estudar o cotidiano dos feirantes que compõem este mercado livre, entendendo o porquê, de as pessoas virem exercer esse tipo de atividade, que se expande a cada dia, chegando a interromperem o tráfego de veículos no local – Rua Manoel Pereira de Araújo –, e invadirem parte da Rua Quebra Quilos, esta última com maior fluxo de veículos.

Objetiva-se correlacionar os agentes desse modo de reprodução social aos fatores socioeconômicos, pelas quais tem passado o Brasil, pois acredita-se que há existência de fortes relações dessa atividade com as condições econômicas dos agentes sociais envolvidos, visto que esses ambulantes não diferem de demais setores informais, que migram para atividades informais, por motivos de sobrevivência, “vítimas” de uma sociedade cada dia

mais desigual. Esses trabalhadores informais, descartados pelo atual desenvolvimento capitalista, buscam driblar tal desigualdade com criatividade, uma vez que não se enquadram nos moldes de trabalho do capitalismo contemporâneo.

Nesse sentido, essa pesquisa busca identificar, mostrar e/ou alertar as autoridades governamentais e a sociedade em geral, sobre essa feira que parece ser um reflexo da própria sociedade consumista, através das relações sociais, que ocorrem no âmbito do sistema de organização do trabalho e de consumo moderno, que dá fácil acesso a bens materiais, conseqüentemente, leva ao descarte desses produtos em feiras de trocas. Como também reflexos da crescente violência, da sociedade atual, visto que grande número de produtos é roubado e depois comercializado em tais feiras.

Busca-se também, entender esse modo de reprodução social, que mesmo causando transtornos à sociedade, esbanja criatividade na arte do sobreviver, encontrando no que não serve para algumas pessoas de maior poder aquisitivo, sua fonte de renda nesse mercado livre.

Contudo, essa pesquisa procura responder e esclarecer as inquietações da sociedade, autoridades e ciências afins, do real motivo pelo qual a referida feira cresce tanto. Assim, buscou-se levantar algumas hipóteses, que tiveram a função de nortear esta pesquisa.

a) O desemprego constitui fator preponderante para levar as pessoas a desenvolver este tipo de atividade, como ambulantes neste mercado livre, contribuindo para a expansão da feira de trocas, do Mercado Central de Campina Grande.

b) O circuito inferior representado pela feira de trocas é um paliativo para os desempregados e/ou como fonte de renda extra para muitos trabalhadores manterem suas famílias.

c) Esta feira é composta por pessoas humildes, pouco escolarizadas, que vive de trabalhos não regulamentados, por não possuir qualificação profissional, ficando a mercê de suas criatividade na luta diária pela sobrevivência,

d) Os objetos comercializados na feira de trocas são descartados por pessoas mais abastardas, mas para os ambulantes, são fontes de renda.

e) O aumento nos últimos anos do aglomerado de pessoas e de produtos nos dias em que ocorre a feira de trocas faz com que, cada dia, o espaço tenha uma radical transformação momentânea em sua paisagem.

f) Os produtos comercializados na feira de trocas são originários, ora de pessoas que não precisam dos seus produtos e querem se desfazer dos mesmos ora de criminosos que usam a feira para vender ou trocar os produtos oriundos de roubos e/ou de furtos.

g) As transformações no processo de globalização afetaram o âmbito do trabalho, com as modernizações, que passam a exigir não apenas a mão de obra do trabalhador, mas o conhecimento das técnicas, promovidas pelos avanços tecnológicos, que tem gerado o desemprego dos não qualificados.

Através das hipóteses supramencionadas, procurou-se selecionar algumas referências bibliográficas que deram o suporte teórico, de modo a fundamentar esse trabalho. Ainda, autores que trabalhassem as questões das transformações do mundo moderno, da estrutura do mercado de trabalho, como Milton Santos, que aborda as questões da produção dos dois circuitos da economia urbana, e as consequências da Globalização, nas modificações do espaço. Também autores que conhecessem a história de Campina Grande, essencial para a reconstituição de alguns fatos narrados ao longo dessa pesquisa, além de outros autores que deram um amparo teórico, fundamental, para a execução do trabalho.

Julgou-se necessário a realização do recorte histórico da feira de trocas do mercado central de Campina Grande, visto que nem sempre a mesma funcionou em tal localidade. O apanhado espaço/temporal foi feito a partir de entrevistas e de conversas com moradores antigos e comerciantes da área onde eram realizadas as primeiras feiras de trocas. A utilização dessa técnica foi preciso, devido à falta de documentação que viesse fundamentar os questionamentos levantados nesse trabalho. Através de conversas com as pessoas, que vivenciaram os primeiros anos da realização da feira de trocas de Campina Grande, foi possível a reconstituição de quando e como começou a referida feira, o objeto de investigação desse estudo.

As informações e dados coletados de pessoas que frequentavam e comercializavam na feira de trocas foram usadas, portanto vale salientar que, as datas aqui mencionadas, podem não corresponder fielmente à cronologia dos fatos aqui narrados, uma vez que os moradores/comerciantes não souberam precisar algumas datas, variando questões de meses.

Isso não tira a preciosidade das informações colhidas que foram de grande relevância para esse trabalho.

O método dialético, nesse trabalho foi abordado por fazer interpretações dinâmicas da realidade sócioespacial do objeto, no caso os feirantes e o espaço por eles ocupados, enquadrando-os dentro do contexto social, político e econômico em constante transformação pretérito e atual. As informações foram coletadas através de entrevistas e questionários semi-abertos, com questões como: Fatores que propuseram com que os feirantes viessem a comercializar em tal local, o nível de escolaridade dos ambulantes, a origem dos mesmos, as dificuldades das condições de trabalho, as quais propuseram uma análise das transformações do espaço da feira nos dias que ela ocorre.

O texto se encontra organizado em cinco partes, distribuídas da seguinte forma: Na primeira parte, buscou-se fazer uma ligeira retrospectiva do desenvolvimento de Campina Grande, mostrando sua posição geográfica como fator que beneficiou o seu desenvolvimento, explicando como a feira de Campina Grande foi de fundamental importância nesse processo. Expondo também de forma resumida, as potencialidades econômicas do município, desde sua criação, quando ainda Vila até os dias atuais, sendo uma das cidades mais importantes do interior nordestino.

Na segunda parte, procurou-se fazer um recorte espaço/temporal da feira de trocas do mercado central de Campina Grande. Através de entrevistas com moradores antigos foi possível reconstituir as espacialidades e as temporalidades da feira de trocas, mostrando que a referida feira teve sua origem na metade do século passado na Rua Vila Nova da Rainha, uma localidade próxima ao local de realização atualmente e que a feira se mudou várias vezes até encontrar-se atualmente na Rua Manoel Pereira de Araújo.

Na terceira parte, optou-se por fazer uma análise da atual situação da pobreza perante o processo da Globalização. Seus efeitos negativos para uma boa parcela da população, que luta diariamente por sobrevivência, abordando questões como o desemprego causado pelas modificações na estrutura do trabalho moderno, o uso cada vez maior das técnicas e das ciências. Além de demonstrar as diferenças verificadas nos dois circuitos da economia urbana e as relações ocorrentes entre ambas.

Na quarta parte, teve-se a intenção de mostrar os preconceitos sofridos pelos comerciantes que desempenham atividades na feira de trocas, revelando que, além da luta pela

sobrevivência, com a exclusão pelos modelos atuais de produção, ficam a mercê de suas criatividades, os feirantes trabalham em local impróprio, além de não serem vistos com “bons olhos” pelos moradores e donos de estabelecimentos locais e por grande parte da sociedade.

Na quinta e última parte desse trabalho, foram feitas as análises dos resultados obtidos nos questionários e entrevistas realizadas com os feirantes, caracterizando os seus perfis: motivo pelo qual veio comercializar neste espaço, suas dificuldades em realizar tal atividade, escolaridade dos ambulantes entre outros temas, além de mostrar as opiniões dos comerciantes formais que tem estabelecimentos no local, demonstrando uma verdadeira disputa pelo território: ambulantes e comerciantes formais da rua.

1. CAMPINA GRANDE E SEU DESENVOLVIMENTO

Campina Grande, município do interior paraibano, fica situada próximo à borda Oriental do Planalto da Borborema, sua posição geográfica possibilitou ser a segunda cidade com maior população do estado, ficando atrás, somente, da capital João Pessoa. Localizada a 120 km da Capital, Campina Grande, situa-se na Microrregião de Campina Grande, fazendo parte da Mesorregião do Agreste Paraibano, está em área de transição entre o Cariri e o Brejo e com fácil acesso ao Sertão e à Zona da Mata. Esse fator foi de extrema importância para seu desenvolvimento, pois ela passou a exercer o papel de cidade estratégica, principalmente em épocas passadas, quando os transportes eram feitos, na maioria, em lombos de burros. (Sá *apud* Costa, 2003, p. 19). Os tropeiros saíam do Sertão em direção ao Litoral por estradas precárias, que tinham Campina Grande como ponto de parada da viagem. Campina Grande, fundada em 1º de dezembro de 1697, foi levada a categoria de cidade em 11 de outubro de 1864.

Por ser considerada uma cidade referência no interior do Estado e por sua posição geográfica (Figura 01), esses fatores deram contribuição fundamental para sua existência.

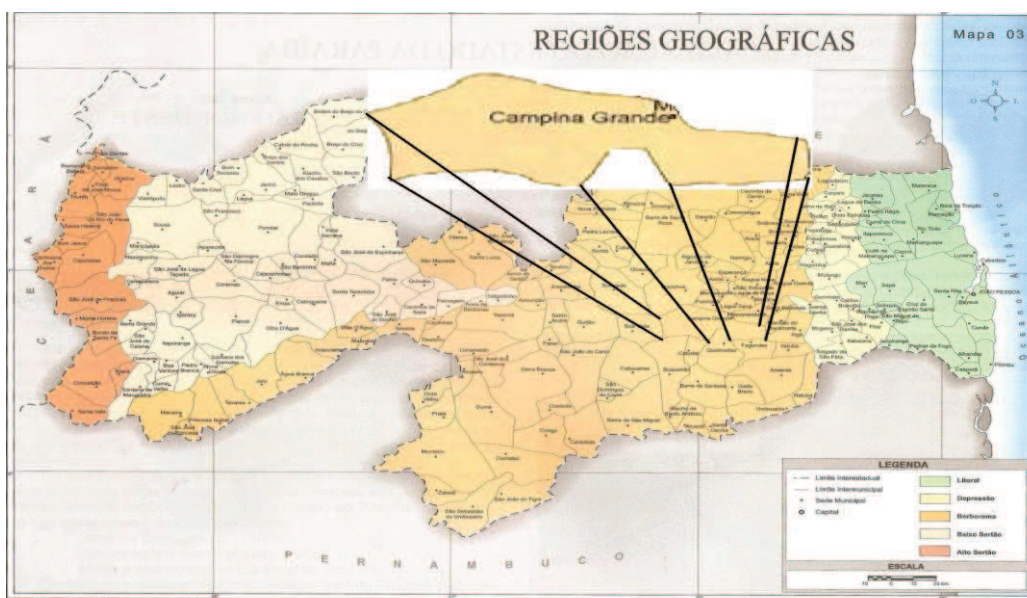


Figura 01- Representação cartográfica do Estado da Paraíba com destaque para o município de Campina Grande.

Fonte: Rodriguez-2002, Adaptado por Lucas Batista-2011

Desta forma, diante da história do desenvolvimento da cidade, a feira caminhou de lado a lado com o crescimento e/ou formação da cidade, pois Campina Grande, conforme

mostra Costa (2003), servia como ponto estratégico dos viajantes, principalmente de boiadeiros e tropeiros, que viam Campina Grande como um lugar de descanso e de reabastecimento, algo que acontecia no Sítio das Barrocas, atualmente Rua Vila Nova da Rainha, centro de Campina Grande.

A centralidade do lugarejo foi fator preponderante para seu desenvolvimento, e de forma quase espontânea, passou a atender às necessidades da população, pois uma parcela dos habitantes fazia uso da feira para sobreviver, vendendo parte do que produziam (o excedente) e outra parcela usava a feira para seu abastecimento, comprando os produtos para atender às suas necessidades, principalmente alimentos, como a farinha de mandioca, a carne-de-sol, o feijão macassar entre outros. Gerando cada vez mais um aumento de pessoas naquele local, tornando a feira de Campina Grande uma das mais conhecidas do Nordeste. Ao longo dos anos outras feiras surgiram na região, como o caso da feira de Brejo de Areia e de Mamanguape, dentre outras, mas Campina Grande continuou recebendo boa parte da população do Sertão, Agreste e Cariri paraibano.

Em 1907, Campina Grande recebeu o primeiro trem da *Great Westem of Brasil Railway*, um marco histórico para o desenvolvimento da cidade. Assim, Mello (1995) *apud* COSTA (2003, p. 29) mostra que:

Nenhuma cidade paraibana (...) beneficiou-se tanto do transporte ferroviário quanto Campina Grande. Convertida no mais importante centro urbano de todo interior nordestino comporia com o algodão, comércio e via férrea, o tripé responsável pelo progresso.

Ainda segundo COSTA (*op.,cit*, p. 33), Campina Grande passava a partir daquele momento a inserir-se no meio técnico, pela mecanização na produção do algodão, transformando o espaço campinense em um local desenvolvido para a época. Os movimentos dos tropeiros aumentaram com a chegada do trem à Campina Grande, fazendo com que o fluxo de mercadorias do Sertão e Cariri fosse intensificado. As mercadorias transportadas pelo recém chegado trem aumentava as relações comerciais entre Campina Grande e Recife.

A chegada do trem e o comércio do Algodão deram a Campina Grande, condições de desenvolvimento, que trouxe a implantação de equipamentos industriais, dando certa hegemonia comercial aquela cidade que despontava na frente de outras da região. A população de Campina Grande quase quadruplicou em treze anos, saltando de 17.041 em 1907, para 70.806 habitantes em 1920 (COSTA, 2003, p. 37).

Dessa forma Campina Grande teve seu crescimento, pois, a pequena vila tornou-se uma cidade, com uma organização e interações espaciais bem diferentes do seu início. Uma cidade que teve seus espaços ampliados e transformados ao longo do tempo e que hoje tem um crescimento anual de aproximadamente 1% e com uma população de 385.213 habitantes, sendo 95% residentes na área urbana, (IBGE, censo 2010).

No longo e infindável processo de organização do espaço o homem estabelece um conjunto de práticas através das quais são criadas, mantidas, desfeitas e refeitas as formas e as interações espaciais, são as práticas espaciais, isto é, um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais (CORRÊA, 1995, p.35).

As transformações ocorridas ao longo do tempo, no processo de formação da feira central de Campina Grande, demonstram que as modificações vão acontecendo, de modo a transformar geograficamente seus espaços com a diminuição de alguns setores, a exemplo, setor de cereais e de carnes. Ao mesmo tempo surgem novos espaços ocupados legalmente ou não, por populares em busca de condições de sobreviver, é o caso dos feirantes da feira de trocas, localizada nas mediações do mercado central.

Atualmente, Campina Grande se destaca na área de informática, educação, comércio e indústrias. Estas últimas, principalmente, nos ramos de calçados e têxtil. A cidade ainda promove alguns eventos que lhe projetam em nível nacional, como o Maior São João do mundo, festa junina, realizado no mês de junho, o Encontro da Nova Consciência, no mês de fevereiro/março e o Festival de Inverno, mês de julho/agosto.

Conhecida, também, como cidade universitária, pois conta com duas universidades públicas: Universidade Federal de Campina Grande e a Universidade Estadual da Paraíba e onze faculdades particulares¹, além de capacitação em nível-médio e técnico, o que levou a cidade a status de centro de excelência de ensino, uma vez que dispõe de cursos de formação superior e técnico o que atrai estudantes de varias partes do Nordeste e de outras regiões do país.

¹faculdade de Ciências Médicas (FCM), Escola Superior de Aviação Civil (ESAC), Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FACISA), Centro de Ensino Superior Reinaldo Ramos (CESREI), Faculdade Maurício de Nassau (FMN), Universidade do Vale do Acaraú (UVA), União do Ensino Superior de Campina Grande (UNESC), Instituto Campinense de Ensino Superior (ICES), Faculdade Anglo Americana (FAA), Universidade Paulista (UNIP), Faculdade de Ensino Superior Campinense (FESC).

2. UM BREVE RECORTE ESPAÇO/TEMPORAL DA FEIRA DE TROCAS DE CAMPINA GRANDE-PB

Os registros apontam que as primeiras feiras de trocas de Campina Grande ocorreram desde a segunda metade da década de 50, do século passado. Elas aconteciam no final da Rua Vila Nova da Rainha – mediações da Rua Severino Cabral –, início do Açude Velho, permanecendo ali até 1968/9. Acredita-se que muitos feirantes eram oriundos de uma área próxima, intitulada Clube dos Duzentos, atualmente, o prédio do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ), onde funciona o curso de Direito da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Na época os moradores foram retirados daquele local pelo prefeito Severino Cabral, o que levou também a quase extinção da feira de trocas, ficando em uma área próxima, já que muitos dos moradores deixaram o local, alguns migrando para o antigo bairro da Cachoeira.

Na década de 1940, existia, no início do recente criado, bairro de José Pinheiro, alguns currais de animais, eram criadores de bovinos e caprinos, estes que vieram transferidos de onde hoje se encontra o mercado central, antiga feira de gado da época. Como menciona (CÂMARA, 1998, p.130 *apud* COSTA, 2003, p. 109). “para isso os currais de alvenaria foram demolidos, e construídos outros currais de madeiras, um pouco mais distante, no bairro de José Pinheiro, que estava em formação e para onde a feira de gado foi transferida”. Estes currais foram recolocados em 1939, para a margem do canal das piabas, cedendo lugar à construção do atual mercado central.

No bairro de José Pinheiro foram construídos vários currais, para permanência do gado destinado à feira de animais que se realizava naquele local (duas vezes por semana). Dentre os criadores de animais, localizados próximo ao canal das piabas, o criador Carlinhos do Leite, merece destaque, pois seus currais foram uns dos primeiros localizados, visto que ele vendia leite a várias famílias do centro da cidade e negociava na feira de animais.

Essa feira recebia pessoas de muitas cidades do Compartimento da Borborema², sobretudo do Brejo Paraibano. Porém, na década de 1950, a feira de gado do canal das Piabas começou a decair devido ao índice (alto) de roubos e furtos cometidos tanto aos donos dos currais quanto aos frequentadores da feira, Tais delitos eram atribuídos aos moradores do recente bairro de José Pinheiro.

² denominação político-geográfica de parte do Planalto da Borborema que engloba 60 cidades da Paraíba monopolizadas por Campina Grande.

Ainda na década de 1950, quando não existia a Avenida Canal, ou seja, existia apenas a estrada de "terra" ao lado do canal das piabas. Nessa estrada um intenso movimento em dias de realização das feiras de gado, pois essa dava acesso aos currais e a feira de animais.

No fim da década de 1950, restavam poucos currais e a feira de gado estava quase extinta naquele local. Nessa época surge por trás de uma das maiores residências do local, cujo proprietário chamava-se Sr. José, vendedor de leite, a construção de uma ponte, que fazia o desvio do canal das piabas – Açude Velho e Zona Leste –, bem próximo à entrada do bairro de José Pinheiro e que, para sua construção foi demolida a casa de Sr. José, no governo de Severino Bezerra Cabral, prefeito de Campina Grande de 1959 a 1963.

Com a extinção dos currais no início da década de 1970, no lugar vem a construção de alguns barracos de madeira por famílias que não tinham residência e que viam naquele local a oportunidade de ter um lugar para residir. Tal ação atraiu pessoas que transformaram aquele espaço em uma favela³ com dezenas de barracos e que muitos deles transformariam-se em pontos de pequenos negócios, como por exemplo, borracharias, oficinas de consertar bicicletas entre outras atividades.

Aos poucos foi se formando um aglomerado de barracos de madeiras e neste momento muitos revestidos de zinco, onde os donos moravam e em dias de feira, colocavam alguns pertences para venderem aos residentes dos bairros de José Pinheiro, Monte Castelo e Santo Antônio, que ao se dirigirem ao centro da cidade ou a feira central passavam quase obrigatoriamente por tal local, que virou ponto de parada dos moradores desses bairros e de outros, hora para conversas com amigos ou ainda para vender algum objeto ou mesmo trocar e/ou adquirir objetos de seu interesse. Começava naquele local outra feira de trocas, atraindo inclusive feirantes da feira de trocas que ainda se realizava na Rua Vila Nova da Rainha.

Os poucos que permaneceram na Vila Nova da Rainha, mas que se viam constantemente incomodados pelo tráfego de veículos daquela rua, foram migrando para a nova feira de trocas, que se iniciava no bairro de José Pinheiro. Realizavam-se todos os dias, mas com maior quantidade de pessoas as quartas e aos sábados. Aquele espaço apesar de novo e sem organização atraía populares em busca de "bons negócios".

³ Favela caracteriza-se por ser uma ocupação individual e cotidiana, ou seja, aqueles que não têm onde morar procuram um lugar para instalar-se com sua família (RODRIGUES, 2001, p. 43)
O IBGE estabelece a favela como sendo "agrupamentos de 50 ou mais domicílios ocupando densa e desordenadamente em espaço sem a existência de títulos de propriedade" (IBGE, 1999)

No fim da década de 1970, surgiu um comércio de material de construção, próximo ao local, que foi crescendo e atraindo carroças de burros, que passaram a dividir espaço com os comerciantes da feira de trocas. Os carroceiros se multiplicaram e disputavam os fretes dos clientes do comércio de materiais de construção. Por volta de 1980, observava-se um grande aglomerado de pessoas, além daquelas de bairros vizinhos, pessoas de vários municípios da Paraíba.

Em 2000, os donos dos pequenos barracos foram cadastrados pela Prefeitura Municipal de Campina Grande, na gestão do prefeito Cássio Cunha Lima, tendo em vista um projeto de abertura de uma nova avenida no local.

Em seguida, em 2002, os referidos comerciantes foram indenizados, desocupando o local. Foram indenizados, porém, os que tinham estabelecimentos. Não contemplando a maioria dos que negociavam sem local fixo, pois alguns ainda resistiram durante algum tempo, mas posteriormente, migraram gradativamente para a Rua Manoel Pereira de Araújo.

No ano seguinte, em 2003, a Avenida foi aberta, recebendo cobertura asfáltica em 2004. Os carroceiros permaneceram no local, acomodando-se, como podiam, devido ao comércio de materiais de construção, extinto em 2008, dando lugar a uma agência do banco Itaú. Os carroceiros abandonaram praticamente o local.

Na Rua Manoel Pereira de Araújo, onde havia lojas que comercializavam pássaros e produtos relacionados a esse gênero de animais, como gaiolas e rações. Local que era realizada há anos a feira de passarinhos, visto que os comerciantes dos estabelecimentos de pássaros não podiam comercializar pássaros silvestres. Logo, tornou-se comum um aglomerado de pessoas nas calçadas, exibindo a troca e/ou venda desses animais. Esse espaço, situado a menos de um quilômetro da antiga feira de trocas, recebeu grande parcela daqueles comerciantes que ficaram sem local – extinta feira de trocas –, pois precisavam de um novo espaço para trabalhar.

Vale salientar que, a feira de trocas da Rua Manoel Pereira de Araújo tem sua realização nas quartas e nos sábados, mas percebe-se que em outros dias da semana, os feirantes continuam trabalhando, pois alguns negociam na calçada do prédio da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP), início do bairro de José Pinheiro, como mostra a seguir, (foto 01).



Lucas Batista J. da Silva

Foto 01-Feirantes na calçada da FIEP, Campina Grande-PB
Fonte: Pesquisa de campo, 07/2010.

Outros ficam reunidos na calçada da maternidade Elpidio de Almeida (ISEA), próximo ao local de origem, conforme mostra a foto 02 a seguir.



Lucas Batista J. da Silva

Foto 02-Feirantes na calçada da maternidade, Elpidio de Almeida, Campina Grande-PB
Fonte: Pesquisa de campo, 07/2010.

Fica evidente que na Rua Manoel Pereira de Araújo – aos sábados – e na feira da Prata – aos domingos –, respectivamente, todos os feirantes de feiras de trocas de Campina Grande e regiões circunvizinhas se reúnem formando um grande aglomerado. A primeira, Rua Manoel Pereira, é o objeto desse estudo, como pode ser observado o aglomerado de pessoas, em seguida, na foto 03.



Lucas Batista J. da Silva

Foto 03- Feirantes na Rua Manuel Pereira de Araújo, Campina Grande-PB
Fonte: Pesquisa de campo, 07/2010.

Parece que as pessoas que realizam essa atividade não se preocupam em negociar no “meio da rua”, pois sem nenhum constrangimento, eles obstruem uma via pública, causando transtornos a todos aqueles que desejariam trafegá-la.

Os problemas causados pelas feiras de trocas de Campina Grande, não se resumem apenas a esta, na Feira Central, mas em vários outros locais da cidade, como podem ser observados na Figura 02, a seguir.

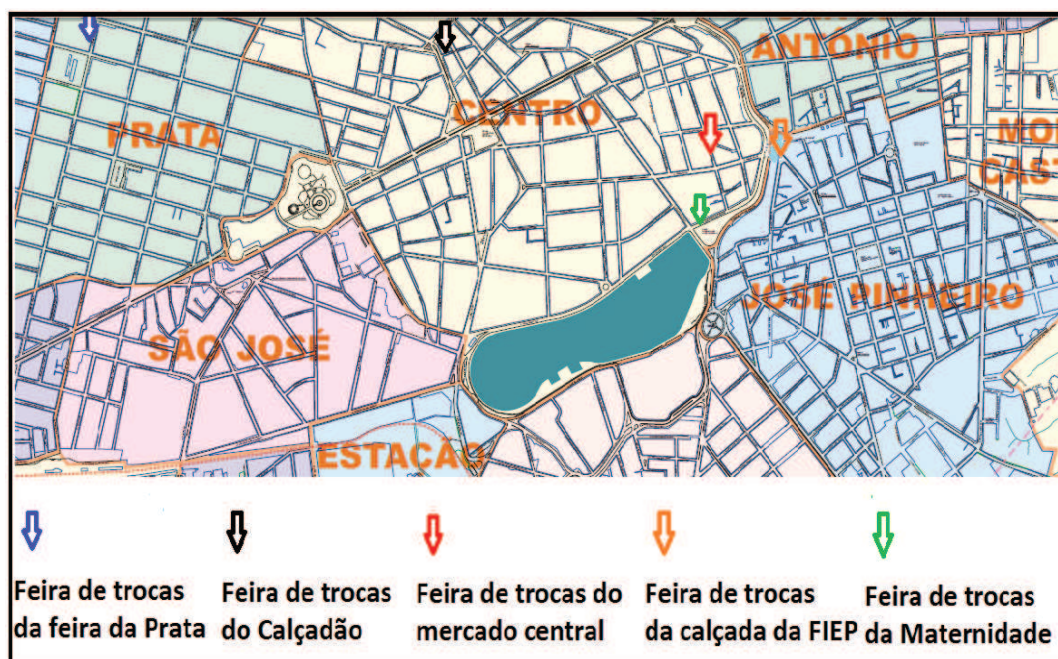


Figura 02- Locais onde se realizam as feiras de trocas de Campina Grande-PB
Fonte: SEPLAN-2010/ PMCG. Adaptado por Lucas Batista, 2011

Esses locais sofrem mudanças funcionais em suas paisagens, nos dias em que ocorrem as feiras de trocas, principalmente o trecho da Rua Manoel Pereira de Araújo, sendo este local o que ocorre maior aglomeração as quantas e aos sábados na Feira Grande, (Feira Central) quando todos se reúnem em um só local, fato que motivou para ser esta feira a escolhida como objeto desta pesquisa.

As aglomerações observadas nas feiras de trocas são a expressão da pobreza a que estão submetidos os feirantes que a compõem, que diante das transformações geradas pela Globalização, ficam excluídos por não conseguirem entrar no mercado de trabalho, hoje globalizado, que exigem qualificação e/ou conhecimento das técnicas, que pessoas pobres, humildes não possuem, restando para muitos cidadãos, viver como ambulantes, na luta diária pela sobrevivência.

3. A POBREZA NA GLOBALIZAÇÃO E A NECESSIDADE DA SOBREVIVÊNCIA

Nas últimas décadas do século XX veio a consolidação do processo de globalização, que certamente é reflexo do atual estágio do sistema capitalista.

O Brasil, país adepto do neoliberalismo, o que torna a sociedade cada vez mais subordinada a sistemas econômicos de mercados, que ditam o andamento financeiro, do país, das empresas, indústrias, mercados, ou seja, aos elementos que condicionam a economia, hoje mundializada, uma concorrência que na maioria das vezes, traz os efeitos negativos que recaem sobre os pobres. A esse respeito Zaoual (2003, p. 39), afirma que "a economia de mercado além de criar riqueza, gera, ao mesmo tempo, a pobreza. Baseada em seus princípios de concorrência entre homens, organizações, territórios, países etc."

No mercado globalizado as diretrizes são conduzidas com a finalidade de atender aos interesses da cúpula da economia mundial, uma exploração da grande massa de trabalhadores a serviço da acumulação de capital pelos ricos.

Se por um lado, parte da população tem um considerável poder de compras, por outro lado se encontra a maior parte, os pobres, a mercê de suas criatividade para fugir da perversidade imposta pela globalização. "De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades." (SANTOS, 2008, p.19). A miséria não é gerada apenas pela globalização, mas é mais fácil o cidadão entrar nessa miséria e mais difícil sair dela, pois é possível chamar esta fase de tendências de um mercado avassalador, que dita regras e exclui aqueles que dele não participam.

A falsidade ideológica pregada nesse sistema é desmentida, por Santos (*op. cit.*, p.19), quando menciona que é um mercado avassalador dito global é mostrado como instrumento homogeneizador do Planeta, quando verdadeiramente, as diferenças são aprofundadas. A heterogeneidade das condições sociais de uma população gera pobreza crônica, em grande parte da sociedade que, por não acompanhar os "avanços" da tecnologia e/ou do mercado em geral, fica excluída dos benefícios, dos lucros obtidos pelo seu país, ficando, pois fora das decisões que conduzem o destino da maioria da população.

A evolução nos comportamentos dos mercados é caracterizada pela competitividade, que tende cada vez mais, buscar respostas nas suas exigências trabalhistas, buscando força de trabalho altamente qualificada, visto que o cidadão não tendo trabalho qualificado, certamente

não entra no mercado de trabalho e quando o tem, e não procura qualificar-se dificilmente permanece empregado. Essa é a perversidade do atual sistema global. Este comportamento é discutido por Santos (2008).

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização (SANTOS, 2008, p. 20).

Diante desse processo global que aprofunda as desigualdades e fazem a aversão, fica mais difícil para a grande massa da população exercer seus direitos de cidadania, como saúde, educação, segurança e principalmente emprego, de forma que, ter um trabalho formal nos dias atuais, é um privilégio, para uma gama de pessoas que não conseguem acompanhar determinados avanços tecnológicos, isso quando não são demitidos e/ou trocados por funcionários mais qualificados ou ainda trocados por máquinas, outra grande característica da globalização. A interferência do atual processo produtivo, como a troca de vários trabalhadores por uma máquina é uma ação repetida no cotidiano das grandes empresas do país e do mundo.

As transformações impostas pelo avanço tecnológico excluem do mercado de trabalho, quase sempre aqueles que não demonstram certos conhecimentos, pois como menciona Santos: “as perturbações que caracterizam esta fase da história humana decorrem em grande parte dos extraordinários progressos no domínio das ciências e das técnicas. Estaríamos no período do capitalismo tecnológico” (SANTOS, 1988, p. 16). Isso implica que os trabalhadores devem dominar os conhecimentos científicos e informacionais para não serem substituídos por máquinas.

Mais uma vez o autor supramencionado, mostra que a tecnologia possibilita transformações benéficas e/ou malélicas, dependendo das condições de uso. Ainda, segundo Santos (*op.cit.*, p. 19) “os conhecimentos atuam sobre os instrumentos de trabalho, impondo-lhes modificações não raro brutais e produzindo males ou benefícios, segundo as condições de utilização”. Assim, os avanços no processo produtivo determinam que as novidades sejam criadas a cada momento, de acordo com as necessidades de competitividade entre empresas, disputando além da quantidade produzida, a qualidade do seu produto, fruto dos avanços tecnológicos (*op. cit.*, p.16). Então, esta avançada tecnologia, não estaria sendo usada apenas em benefícios das empresas dominantes do mercado? Ou como forma de "exploração" da grande massa da sociedade? As respostas mais coerentes podem ser não respondidas, mas

demonstradas pelos grandes acionistas, proprietário das multinacionais, que apesar de serem poucos, eles detêm a grande fatia dos lucros obtidos pelas empresas.

Diante do estágio em que se encontra a sociedade brasileira, perante as transformações observadas no processo produtivo mundial, sobretudo nacional, com a elevada desigualdade social, pode-se entender a expansão da feira de trocas que se constitui como uma modalidade do circuito inferior. Essa feira é o reflexo do poder de sobrevivência dessa parcela da população, não conseguindo enquadrar-se no circuito superior, cria métodos próprios, através de sua criatividade, para ter acesso a serviços que lhes dêem condições para sua sobrevivência, gerando diferenças quantitativas e qualitativas no consumo, como destaca (SANTOS, 1979, p. 29).

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas no consumo.

Estas atividades em geral, são praticadas por pessoas pobres – do circuito inferior⁴ –, pois podem desenvolver e garantir seu sustento diário, em suas localidades. Como Santos (*op.cit.*, p. 16) afirma que “o circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região”.

O sentido principal dessa atividade é, pois, a sobrevivência dos trabalhadores desempregados, buscando não acumular capital, mas obter o mínimo de condições necessárias para se reproduzir socialmente. Isso difere das condições observadas no circuito superior⁵, mostrada por Santos (*op.cit.*).

No circuito superior, trata-se de acumular capitais indispensáveis á continuidade das atividades á sua renovação em função dos progressos técnicos. No circuito inferior, o acúmulo de capital não constitui a primeira preocupação, ou simplesmente, não há essa preocupação. Trata-se, no entanto, de sobreviver e assegurar a vida cotidiana da família, como também,

⁴ Parte da economia constituída essencialmente por formas não “capital intensivo”, pelos serviços não-modernos fornecidos “a varejo” e pelo comércio não-moderno e de pequena dimensão.

⁵ Parte da economia constituída pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadista e transportadores (SANTOS, 1979, p. 31).

tomar parte de certas formas de consumo particulares à vida moderna. (SANTOS, 1979, p.35).

Pode-se concluir que a atividade aqui estudada (o comércio da feira de trocas) se enquadra no circuito inferior, em grande parte, composta por pessoas carentes, necessitadas, que lutam cotidianamente, pela sobrevivência e enfrentam a exclusão trabalho formal. Para tanto, a atividade desempenhada pela grande maioria desses ambulantes, tem um caráter particular, puramente de sobrevivência.

As dificuldades dos ambulantes não se restringem a luta diária pelos seus sustentos, mas também em desenvolver tal atividade sobre o olhar preconceituoso de boa parte da sociedade, que ver esses ambulantes com certo desprezo e os enxergam como marginais.

4. AS FEIRAS DE TROCAS E SEUS PRECONCEITOS

A feira de trocas, muitas vezes, é vista com preconceito pela sociedade e pelas autoridades e isto torna a luta diária de quem realiza essa atividade ainda mais difícil. Viver sem um trabalho fixo, (emprego formal), como ambulantes, não é uma escolha, mas uma alternativa de reprodução da vida na cotidianidade desses lugares. Aos olhos de muitos, essas pessoas são classificadas como "desocupadas" e/ou como marginais, devido a má fama do local, por se caracterizar como destino certo de mercadorias oriundas de roubos e furtos. Essa é também a impressão das pessoas que frequentam a feira central ao se depararem com um aglomerado de pessoas trocando, vendendo e comprando mercadorias usadas.

Em virtude da luta cotidiana, esses ambulantes, não desistem e conservam, numa demonstração de criatividade, bom humor e teimosia, resistem ao preconceito sofrido, mantendo a disposição, no dinamismo particular da feira. Quem expressa, de forma sucinta as particularidades e as condições pelas quais passam os feirantes é Costa, ao afirmar que:

Evento que nunca foi visto com bons olhos pelas autoridades e significativa parte da população, a feira de trocas é um dos acontecimentos que representa uma das maiores resistências presentes na "feira grande". "num verdadeiro remar contra a corrente" é o resultado da teimosia popular, talvez exatamente por este caráter tão popular esta feira dá ao trecho da rua onde se realiza uma ideia de dinamismo, de efervescência popular que já não é tão presente no restante da feira (COSTA, 2003, p. 207).

Verifica-se que a criatividade é talvez um dos maiores atributos desses feirantes, pois em busca da sobrevivência, eles utilizam modos não convencionais para comercializarem na feira. Eles vendem ilegalmente pássaros da fauna silvestre, produtos "piratas" (CDs, relógios, eletroeletrônicos, roupas, calçados, bicicletas), produtos usados e também produtos furtados.

Os objetos usados, em sua maioria, descartados pelos primeiros donos, são repassados para a grande parte da população consumidora que não tem condições de adquiri-los, devido o seu alto valor, no mercado formal da cidade. Desta forma, as ofertas desses produtos, mesmo usados, interessam às pessoas de menor nível financeiro.

Essa forma peculiar de comércio e/ou consumo, ocorre nas calçadas ou em meio de ruas, expressando o nível de pobreza da feira de trocas, essa forma de atuação é mencionada por Santos (1979).

Os pobres não têm acesso aos produtos modernos e os mais pobres dentre eles só podem se proporcionar consumos correntes por intermédio de um sistema de distribuição particular frequentemente completado por um aparelho de produção

igualmente específico e que é uma resposta às condições de pobreza da grande massa da população” (SANTOS, 1979, p. 153).

Através da reutilização dos produtos usados, que os cidadãos pobres, passam a ter condições particulares de possuir diversos objetos, impossível de adquiri-los novos. Segundo Santos (*op.cit.*) “no circuito superior, a reutilização dos bens de consumo duráveis é quase nula, enquanto que no circuito inferior, uma das bases da atividade é justamente a reutilização desses bens” (SANTOS, 1979, p. 36). O fato de vestir uma roupa usada, de outra pessoa, não é admissível pelas classes média e/ou alta, mas os pobres buscam justamente esses produtos, sem se preocupar com o *status*, tão verificado nas classes abastadas.

Os trabalhadores que realizam tal atividade, além de não terem apoio dos governantes, são perseguidos por boa parte da sociedade egoísta e capitalista. Esses ambulantes travam uma luta diária, sem legalidade de trabalho, com uma árdua rotina, sofrem constantes perseguições, dos moradores e dos comerciantes locais, uma vez que estes últimos se sentem prejudicados pela interrupção do tráfego de veículos na rua.

Esse preconceito também é verificado em outros locais, onde é realizado este tipo de atividade, é o caso da feira da Prata, que após passar por uma grande reforma estruturante, com o intuito de acomodar os feirantes, simplesmente ignoraram, os comerciantes da feira de trocas, ficando estes se aglomerando, como sempre, sem local adequado, em uma rua adjacente à feira, como mostra a foto 04.



Lucas Batista J. da Silva

Foto 04-Rua Duque de Caxias. Adjacente a Feira da Prata, Campina Grande-PB
Fonte: Pesquisa de campo, 07/2010.

Enquanto os comerciantes de outras atividades tiveram seus espaços definidos, ganhando inclusive locais adequados, protegidos de chuva e de sol, os feirantes da feira de trocas continuam a trabalhar ao ar livre, uma clara demonstração de que não há preocupação das autoridades com os que desempenham esse tipo de comércio.

Os grandes comerciantes gozam de privilégios, subsídios, incentivos fiscais, e outros benefícios, que não são admissíveis aos pobres, conforme ratifica Santos (1979, p. 36).

As atividades do circuito superior usufruem direta ou indiretamente da ajuda governamental, enquanto que as atividades do setor inferior não dispõem desse apoio e frequentemente são perseguidas, como no caso dos vendedores ambulantes em numerosas cidades.

No caso dos comerciantes das feiras de trocas, (circuito inferior), tal ambiente torna-se um refúgio para aqueles que não têm condições financeiras para abrirem lojas legalizadas e também não dispõem de qualificação profissional, o que os afastam ainda mais do mercado de trabalho. A feira de trocas propicia àqueles, mesmo sem qualificação, trabalhar e garantir seu sustento. Essa característica é observada no circuito inferior, que segundo o autor supramencionado, se trata de uma atividade que “constitui também uma estrutura de abrigo para os cidadãos antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional” (SANTOS, 1979, p. 159).

A qualificação profissional, importante nos dias atuais, é fator decisivo para o cidadão manter-se empregado, pois sem tal qualificação torna-se difícil ter trabalho fixo e/ou boa remuneração, restando viver de atividades instáveis e trabalhos irregulares, como observa Santos.

O emprego no circuito inferior é uma realidade difícil de definir pois compreende tanto o trabalho mal remunerado como o trabalho temporário ou instável. Em que critérios se apoiar para separar emprego e subemprego, de um lado, e subemprego e desemprego, de outro? e o que dizer do trabalho irregular? (SANTOS, 1979. p. 160).

Para a nova estrutura do trabalho, não ter uma profissão, ou mesmo, não se qualificar, é fator de exclusão do trabalhador do mercado, que a cada dia está mais exigente e/ou competitivo, procurando admitir quase sempre, pessoas com grande nível de qualificação, restando para muitos "excluídos", apenas as atividades do circuito inferior, como é o caso dos comerciantes das feiras de trocas, camelôs, e outros do setor informal.

Vivendo de atividades informais, os ambulantes buscam condições para sua sobrevivência, não é uma tarefa fácil, visto que o baixo rendimento financeiro obtido pelos mesmos torna sua saída do setor informal muito pouco provável, “condenando” aqueles que se encontram nessas atividades sem meios de ampliar seus negócios e que se estabelecem em locais inadequados.

Dessa forma, é evidente que apenas uma minoria se sobressai em seus pequenos negócios e alcança o progresso, fruto da dedicação, esforço e muito trabalho, podendo um dia fazer parte do circuito superior. Porém como é sabido, grande parte desses trabalhadores não alcançam o progresso esperado e passam a vida em condições precárias, encravados, na pobreza, sem qualificação profissional nem capital financeiro, mantendo-se neste circuito inferior da economia, sobre este fato Santos afirma que:

O grosso dessa população caracteriza-se pela ausência de qualificação profissional (deixando de lado algumas categorias profissionais, como os artesãos), e por sua falta de capitais. A base fundamental é sua força de trabalho. Essa população não pode ser absorvida pela estrutura da economia moderna e, por conseguinte, mesmo que uma parte passe para o circuito superior, há uma manutenção das atividades do circuito inferior” (SANTOS, 1979, p. 205).

Desempregados, muitos desenvolvem atividades como autônomos, esses ambulantes sem qualificação e com pouco ou quase nenhum investimento, participam da mais baixa estrutura econômica moderna, muitos comercializam objetos oriundos de lixões, pois são catadores e vendem nessas feiras algo que julga ser reaproveitável por uma parcela da população desfavorecida.

As modernizações impostas pelo atual modo de produção e por consequência o comportamento da sociedade, de certa forma elimina e/ou torna rara algumas atividades do circuito inferior, podemos verificar isso quando Santos afirma que:

A modernização pode ser um obstáculo para algumas atividades do circuito inferior, quando estas sofrem a concorrência de produtos homólogos, oferecidos a um preço inferior. Todavia, não é certo que essa concorrência acarrete o desaparecimento da atividade não moderna. Esta pode subsistir graças às condições próprias de funcionamento do circuito inferior” (SANTOS, 1979, p. 206).

Desta forma, quando a sociedade pobre passa a usar, em grande escala, produtos modernos, fazem brotar diversas atividades do circuito inferior, como se pode ver em Santos que “o consumo crescente de produtos modernos por uma população pobre faz nascer uma série de novas atividades no circuito inferior.” (SANTOS, *op.cit.*, p. 200).

Pode-se observar a grande quantidade de produtos “piratas” que invadem não apenas as grandes cidades, mas em pequenas e médias cidades também.

Entre tantos fatores responsáveis pelo crescimento das populações urbanas, pode-se citar o êxodo rural, uma realidade da sociedade brasileira, a migração forçada por falta de condições de sobrevivência no campo, faz com que o homem antes do campo e que ao chegar aos centros urbanos, busque trabalhos que não exijam qualificação profissional, incorporando-se no circuito inferior, como bem observa Santos, quando descreve que:

O circuito inferior é, cada vez mais, a estrutura que acolhe as pessoas expulsas do campo; ele aparece, portanto, com um papel social e econômico inegável. Esse papel, sendo ao mesmo tempo o de um amortizador dos choques das migrações, pode nos tentar a imaginar que a preservação do circuito inferior se impõe, na medida em que o circuito moderno é incapaz de oferecer empregos a todo mundo (SANTOS, 1979. p. 287).

No atual estágio de desenvolvimento e/ou modernização com que passa a sociedade brasileira, ter um emprego formal é um privilégio, assim como é grande a semelhança entre pobreza e circuito inferior, uma vez que a maior parte da população pobre encontra-se exatamente em atividades do circuito inferior, bem caracterizado por Santos quando diz que a “pobreza e circuito inferior são sinônimos” (SANTOS, 1979, p. 290). Dessa forma, além das dificuldades de não ter trabalho e de buscar alternativas econômicas no setor informal, os feirantes sofrem com a dura realidade do preconceito, por serem marginalizados, estando em um circuito de reprodução da miséria.

A semelhança entre pobreza/circuito inferior, nas zonas urbanas é contrastada com o circuito superior, por vezes, é observada nos espaços urbanos, ditada pela segregação espacial, em diferentes formas de uso do espaço, com grandes shoppings, perto de favelas, grandes lojas, com camelôs nas calçadas. Por esses e outros motivos é que, as cidades possuem aspectos tão heterogêneos, muitas vezes, chocantes como afirma Carlos ao dizer que “o principal elemento que salta aos olhos quando paramos para observar a cidade é a heterogeneidade entre modos de vida, formas de morar, uso dos terrenos da cidade por várias atividades econômicas, os contrastes podem chocar” (CARLOS, 2007. p. 22). Uma verdadeira batalha com lados bem diferentes, nos dois circuitos da economia, discutida por Milton Santos.

É preciso ter compreensão, que os comportamentos das pessoas, no desenvolvimento de atividades marginalizadas como estas, são reflexos do quanto a sociedade é desigual e

perversa, pois a sociedade que recrimina certos modos de sobrevivência, é mesma que exclui aqueles que não tiveram as mesmas oportunidades, nem acesso às condições socioeconômicas de uma minoria.

A feira de trocas caracteriza-se por ser um refugio daqueles que, estando na miséria, não tem escolhas de trabalhos e sim a obstinação de alimentar suas famílias. Esta feira de trocas é composta de pessoas simples, que procura esta feira para ganhar uma renda extra nos fins de semana, como também de pedintes, catadores de lixo, com pouca escolaridade que não sabem fazer outra coisa, se não buscar em mercados livres como esses, formas de adquirir o mínimo de condições de continuar vivendo mesmo estando desempregados.

5. PERFIL DOS FEIRANTES DA FEIRA DE TROCAS

A feira de trocas é um complexo sistema de sobrevivência de um determinado seguimento da população campinense, portanto ao se comprometer a analisar esta atividade informal, objetiva-se estudar além fatores espaciais do objeto, as relações sociais nela ocorridas, por se tratar de pessoas que estão à margem de uma sociedade capitalista e portanto desigual, visto que há uma concentração de renda em poder da minoria da população, deixando a maioria a mercê de sua criatividade, na luta pelo seu sustento diário e de sua família.

Diante do crescimento das populações urbanas, acredita-se que significativa parcela desses feirantes seja de origem rural. Constatou-se que 30% dos entrevistados, afirmaram ser oriundos do campo – números consideráveis –, pois boa parte dessa população, ao chegar à cidade se junta à grande massa da população urbana, aumentando, portanto, o contingente de pobreza e que nele se perpetua por não ter uma qualificação profissional para se inserir no mercado de trabalho, que se torna cada dia mais seletivo.

Assim, com o maior custo de vida da cidade, o homem vindo do campo, que em busca de melhores condições de vida, migrou para zonas urbanas, precisando suprir suas necessidades, e sem condições de enquadrar-se no circuito superior, recorre às feiras populares como uma forma de ganhar qualquer quantia que lhe possa garantir o seu sustento.

Nos dias atuais, quando a tecnologia atua em grande parte do mercado de trabalho, exige obrigatoriamente conhecimento técnico para que um trabalhador mantenha-se empregado. Consoante a Santos (1988, p. 16) “há os que crêem numa espécie de determinismo tecnológico”. Assim, as empresas e indústrias procuram cada dia aperfeiçoar seus produtos, devido às mudanças no processo de produção, elas utilizam máquinas das mais avançadas tecnologias, que conseqüentemente, exigem qualificação do profissional. Isso faz com que algumas profissões acabem extintas, provocando inúmeros desempregados, o que certamente faz com que estes busquem alternativas no setor informal.

O progresso promovido pela ciência não é assimilado e/ou alcançados por todos, e isso provoca uma frustração naqueles que não conseguem trabalho por falta de capacitação técnica. Esse processo característico do capitalismo, aliado a tecnologia, que modifica o

mercado de trabalho, causando desemprego, e “obrigando” o cidadão a submeter-se a condições de trabalho aviltantes.

As feiras, em especial, de trocas e/ou “rolos” (conhecidas em outras regiões brasileiras), não são de pessoas empreendedoras, que buscam sucesso financeiro, mas na maioria, de cidadãos pobres que buscam nelas a única forma de trabalho (cf. Gráfico 01), Isso é comprovado, pois 60% desses ambulantes, de uma amostra de trinta feirantes, equivalente a algo entorno de quinze por cento do seu todo, atribuem à falta de emprego o motivo de estarem comprando e/ou vendendo algo que lhe possa render algum retorno financeiro.

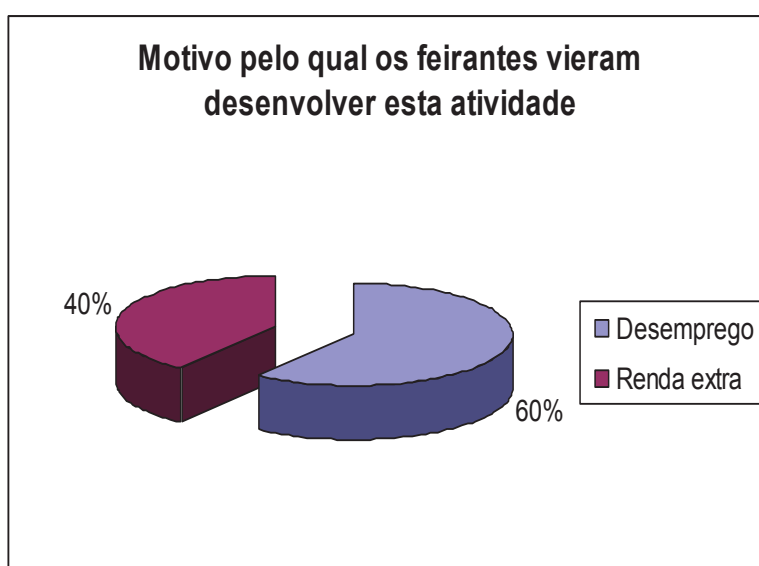


Gráfico 01- Motivo pelo qual os feirantes vieram desenvolver esta atividade
Fonte: Pesquisa direta, 2010

Outro fator que se deve levar em consideração, é o fato de que nos últimos anos, o Brasil conseguiu elevar o nível de vida de uma significativa parcela da população, o que possibilitou o aumento do poder de compras dessa população, que ao comprar novos objetos, descartam e/ou vendem os “velhos”, conseqüentemente, ocasionando um maior número de objetos e/ou produtos usados, que aparecem nessas feiras, onde são comercializados por pessoas que enxerga esse mercado como a única forma de possuírem tais produtos, diante dos preços desses objetos, quando novos.

Uma das maiores características da população pobre é comprar produtos usados, em vista do reaproveitamento, pois é possível fazer uso desses produtos o que torna uma forma peculiar de consumo das populações pobres, que através de atividades informais como esta, que os produtos são adquiridos, pois para Santos (1979, p. 206) ”esta pode subsistir graças às condições próprias de funcionamento do circuito inferior”. Esse modelo informal de

comercialização é fruto da necessidade do cidadão pobre, em se manter de alguma forma trabalhando e também consumindo.

Nesta feira não se perde nada, o que é descartado para um, para outro é fonte de renda, mesmo os objetos que se imagina difícil de serem negociados, após seu uso, como calçados, copos de liquidificador, panela/caçarola, óculos de grau, roupas, dentre outros, são vendidos, conforme observado na foto 05, a seguir.



Lucas Batista J. da Silva

Foto 05- Produtos comercializados na feira de trocas de Campina Grande-PB
Fonte: Pesquisa de campo, 07/2010.

Os produtos mostrados são comercializados no meio da rua pelos ambulantes que procuram vender esses objetos a pessoas que não se incomodam da origem de tais produtos, visto que o grau de pobreza, a falta de poder aquisitivo faz com que ignorem que os produtos são usados e não se constroem em adquiri-los.

O grau de escolaridade dos feirantes também foi abordado neste estudo e constatou-se que, a maioria dos feirantes, traz baixo nível de escolaridade (cf. Gráfico 02).

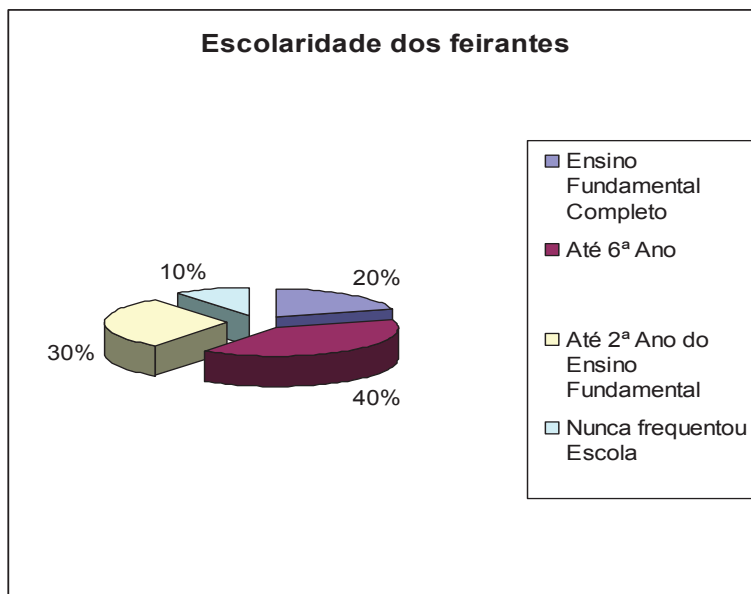


Gráfico 02-Escolaridade dos feirantes
Fonte: Pesquisa direta, 2010

Os feirantes demonstram não terem cursado o Ensino Fundamental, ou seja, o primeiro grau completo, fato que, de certa forma, explica a exclusão social, de quem não teve a oportunidade de estudar e conseguir se enquadrar nos moldes exigidos do mercado de trabalho. Por isso são submetidos a essas atividades, ditas marginalizadas pela sociedade, tornando-se excluídos.

Ocupando um espaço no qual não são bem vindos, pelos incômodos que causam aos residentes e comerciantes de estabelecimentos locais, os ambulantes, procuram ganhar seu sustento pelo pouco que sabem fazer, mesmo sem escolaridade e/ou treinamentos. Mesmo assim, lutam e usam sua criatividade, pois “Miseráveis são os que se confessam derrotados. Mas os pobres não se entregam. Eles descobrem cada dia formas inéditas de trabalho e de luta.” (SANTOS, 2008, p.132). Lutando com um dinamismo nada formal, conseguem ao término da feira, sair com o “apurado” do dia e de cabeça erguida.

A vida desses feirantes não é nada fácil, pois além de trabalharem sob sol e chuva, em local inadequado, eles passam por constantes constrangimentos, devido aos frequentes incômodos, causados por aqueles que precisam circular por tal rua (Manoel Pereira de Araújo) e que são prejudicados pela tamanha aglomeração de pessoas que impedem a circulação de veículos e dos residentes que precisam sair de suas moradias, como também dos comerciantes que necessitam de seus clientes. Estes últimos se afastam devido ao difícil acesso do local.

Verificou-se que, o melhor para os feirantes, seria ter um local adequado para trabalharem. As dificuldades são apontadas pelos próprios feirantes (cf. Gráfico 03).

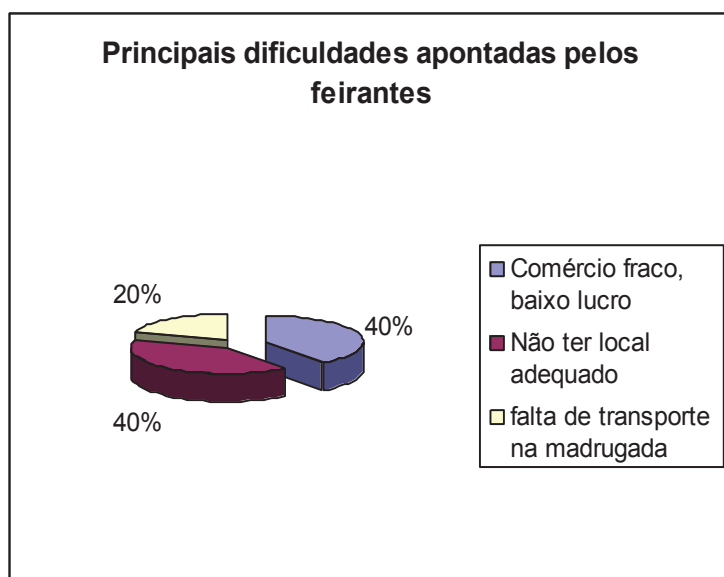


Gráfico 03-Principais dificuldade dos feirantes
Fonte: Pesquisa direta, 2010

Verificou-se que quarenta por cento dos ambulantes apontam como sendo a maior dificuldade, a falta de local adequado, mas que a busca incessante pela sobrevivência cotidiana os “obriga” a passar por incômodos, pois não há alternativas, pois não sabem fazer outra coisa.

Uma das atividades que mais chamou a atenção é o comércio de aves, na maioria da fauna silvestre, fato ignorado por alguns ambulantes que os comercializam, mesmo sendo, às vezes, surpreendidos por fiscais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) que os intimidam, mas não conseguem fazer com que deixem essa atividade ilegal. Consoante a Santos (2008, p.120) "uma boa parcela da humanidade, por desinteresse ou incapacidade, não é capaz de obedecer a leis, normas, regras, mandamentos, costumes derivados dessa racionalidade hegemônica. Daí a proliferação de "ilegais", irregulares", "informais".

Mesmo perdendo todos os pássaros e às vezes até sendo responsabilizados criminalmente, por infringir Lei Federal de crime ambiental, quando são presos e após pagarem fiança, são liberados e julgados em liberdade, não resolvendo o problema, já que nas próximas feiras estão de volta com a mesma atividade ilegal.

As mudanças ocorridas no espaço estudado condicionam não apenas o livre acesso de moradores e comerciantes da rua para poderem chegar às suas residências e aos seus

estabelecimentos comerciais, como também, dificulta o acesso ao mercado central, pois se trata de uma rua com direto acesso ao mercado, que nos dias da feira de trocas, fica interdita pelos ambulantes. É possível perceber a mudança na paisagem ao observar o centro das Figuras 03 e 04.



Figura 03- Ao centro a Rua Manoel P. de Araújo, em dia que ocorre a feira de trocas
Fonte: Imagem de satélite, (Google Earth), 2010



Figura 04- Ao centro a Rua Manoel P. de Araújo, em dia que não ocorre a feira de trocas
Fonte: Imagem de satélite (Google Earth), 2011

Pode-se observar que há uma momentânea mudança na paisagem, com uma aglomeração de ambulantes no centro da imagem, mostrando a diferença causada naquele

espaço nos dias da feira, trazendo transtornos também a Feira Grande (Feira Central), como já foi mencionado.

Verifica-se que há uma disputa pelo território, "território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder." (SOUZA, 1995, p.78). Apesar da disputa entre os próprios ambulantes, são com os comerciantes dos estabelecimentos locais que os feirantes, às vezes se desentendem, os comerciantes inconformados de serem prejudicados pelos ambulantes. Mas boa parte dos ambulantes demonstra boas relações com os comerciantes, embora a maioria dos residentes e dos proprietários comerciais não concordarem com o significativo acúmulo de pessoas na rua. Vejam o que expressa um proprietário de armazém comercial daquela rua:

"É eles foram chegando devagarinho como quem não queriam nada, no início só com passarinhos, depois foi juntando gente, parece que foram chamando os outros, agora, não posso entrar nem com meu carro mais, tenho que deixá-lo lá perto do posto de gasolina, porque a rua está fechada por esses bando de gente, até meus clientes nesses dias não vem, também como vão passar com tanta bagunça no meio da rua, bicicleta velha é o que mais tem, quando eu poder vou arrumar outro local pra alugar, aqui não dá mais não, estou perdendo praticamente dois dias na semana."(PROPRIETÁRIO DE ARMAZÉM).

Muitos dos comerciantes não abrem seus comércios, nos dias da feira, principalmente aos sábados, quando o aglomerado é ainda maior. A feira de trocas provoca uma transformação repentina na paisagem da rua, tendo momentaneamente o espaço delimitado pelos próprios ambulantes, como se fossem seus territórios, "próprios", para desenvolverem suas atividades (quartas e sábados, das 05h00min às 12h00min). O território "passa a ser deles", adaptando-se a ele como podem.

Como Santos (2008, p. 134) menciona: "na realidade, uma coisa são as organizações e os movimentos estruturados e outra coisa é o próprio cotidiano como um tecido flexível de relações, adaptável às novas circunstâncias, sempre em movimento". Há uma verdadeira dinâmica desse espaço, ao mesmo tempo, em que causam transtornos ao trecho, também mostra o quão os feirantes são destemidos para negociar, com sua forma peculiar de vender um pneu usado de bicicleta, um sapato velho ou até mesmo uma privada usada, sem medo, nem vergonha, mas com uma certeza: ao término da feira voltará para casa com o pouco de dinheiro que garante a sobrevivência de sua família.

Observou-se que a Rua Manoel Pereira de Araújo fica totalmente ocupada por populares, naqueles dias, o espaço torna-se ponto de "comércio ao ar livre" para os feirantes,

mudando completamente a configuração da rua. Em dias que não há a feira, a via tem seu fluxo de veículos e pedestres fluindo normalmente (foto 06).



Lucas Batista J. da Silva

Foto 06- Rua Manoel Pereira de Araújo, em dia que não ocorre a feira de trocas
Fonte: Pesquisa de campo, 07/2010.

Os feirantes que migraram para essa localidade já negociavam em áreas próximas, uma vez que boa parte veio das proximidades, principalmente os feirantes que negociavam perto da antiga feira de madeira, (margens do canal das piabas) e que foram surpreendidos com mudanças urbanísticas, abertura de uma nova avenida, o que os conduziu a migrar para outra localidade. Além desses, outros que comercializam na feira da Prata, outros do “calçadão” do centro da cidade e até de outras feiras de cidades circunvizinhas passaram a participar dessa feira em dias de suas realizações. Isso forma um grande aglomerado de ambulantes e de pessoas de diversos lugares, em busca de realizar suas compras, suas vendas e/ou suas trocas.

Apesar dos feirantes, desempenharem uma atividade sem qualquer normalização, esta feira, não pára de crescer, chega a ser um atrativo nos fins de semana para pessoas que buscam nesse espaço, algum objeto para comprar ou trocar, como também para vender. A rua que no dia anterior teve seu trânsito normal, nesses dias não permite mais a passagem de qualquer veículo, como se pode observar na foto 07.



Lucas Batista j. da Silva

Foto 07-Rua Manoel P. de Araújo, em dia que ocorre a feira de trocas

Fonte: Pesquisa de campo, 07/2010.

Outra dificuldade encontrada pelos feirantes é o horário, pois são praticamente obrigados a ser pontuais, caso contrário, perderão os “pontos” para outros ambulantes que chegam mais cedo e para pegar os melhores lugares. Digamos que as territorialidades são definidas a cada momento e que os feirantes demarcam seus territórios, quem chega mais cedo, como Souza diz: “territorialidade é certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço” (SOUZA, 1995, p. 99).

A disputa por espaço parece ser uma intenção de todos que circulam em tal local, veículos, pedestres, comerciantes e ambulantes. Uma disputa que gera certa discórdia, pois ao mesmo tempo em que os ambulantes se acham no direito de trabalhar, os moradores, os comerciantes, os pedestres querem ter também o direito de trafegar. Isso causa, às vezes, desavenças porque todos querem usufruir daquele espaço, que é público.

Os feirantes apontam outra dificuldade, é que pela madrugada, não há transporte coletivo, o que os são obrigados a pagar um meio de transporte para carregarem suas mercadorias, diminuindo ainda mais seus lucros, por sinal, tão pequeno, diferente do circuito superior, como destaca Santos (1979, p.36) “o resultado total é pequeno e a margem de lucro por unidade é elevada”. Apesar da margem de lucro por unidade ser maior, o lucro obtido no término da feira é insatisfatório, devido à baixa quantidade de mercadorias vendidas.

Indagados quanto ao lucro por cada feira, alguns dizem que só vem à feira para não ficarem em casa, mas que “futuro” não tem. Há pessoas que estão empregadas, mas que vêem nessa atividade a oportunidade de ganhar uma renda extra, ou seja, complementar o orçamento domiciliar, conforme é mostrado no Gráfico 04, em que metade dos entrevistados tem outra atividade e usam a feira como trabalho secundário.

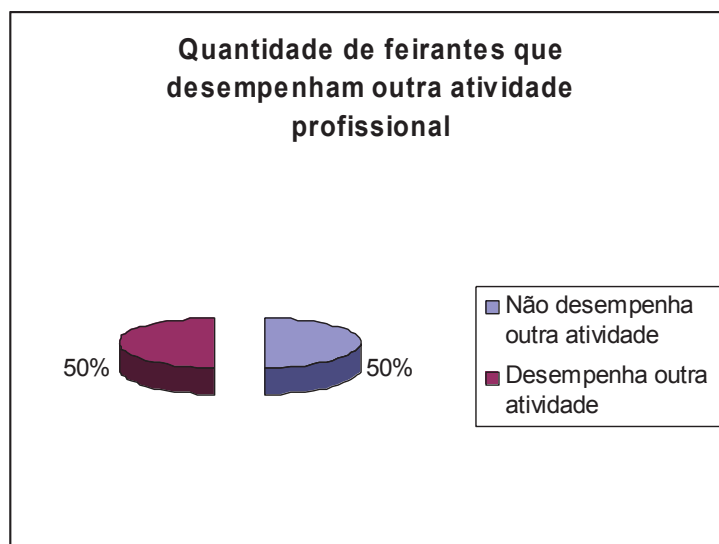


Gráfico 04-Quantidade de feirantes que desempenham outra atividade Profissional
Fonte: Pesquisa direta, 2010

Fica evidente que parte das pessoas que buscam adquirir produtos dessa feira faz sua feira semanal no Mercado Central e que procuram a feira de trocas para comprar mercadorias por preços acessíveis, embora sabendo que muitos daqueles produtos são frutos de ilegalidades (roubos, furtos e produtos de qualidade duvidosa), como é o caso dos produtos importados, mas que mesmo assim, o aglomerado de pessoas aumenta cada dia que passa, com a presença de vendedores e compradores de todo o compartimento da Borborema, sendo ponto certo nos fins de semana.

Enquanto esta feira cresce de forma desordenada, os poderes públicos, simplesmente a ignoram, quando deveriam buscar alternativas para solucionar os problemas causados por estas atividades, dando o mínimo de condições dignas para os ambulantes trabalharem. Investindo em capacitação profissional, com apoio social, para aqueles que se encontra em tal atividade, tenha alternativas para poderem sair dela e viver com dignidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o comércio informal requer maior atenção, especialmente, sobre atividades como a feira de trocas, em virtude de sua complexidade por envolver os mais desfavorecidos do setor dos autônomos.

É inegável que os fatores da atual fase do capitalismo, como o processo de Globalização, atingem direta ou indiretamente a sociedade, conduzidos pelos avanços tecnológicos, que ditam a organização do trabalho moderno, reduzindo, assim, a possibilidade de os cidadãos menos providos de qualificação terem um trabalho formal.

Diante das dificuldades, isso não quer dizer que o cidadão sem trabalho deve padecer, sem conseguir sustentar sua família, pela falta de emprego. É aqui que surge o diferencial desses ambulantes, que em uma “batalha” diária, através de modos não convencionais, mas com criatividade e dinamismo, vendem mercadorias que muitas das vezes foram jogadas no lixo, e conseguem vendê-las em benefício do sustento de sua família.

Durante essa pesquisa observou-se que boa parte dos feirantes da feira de trocas é extremamente simples, estão desempregados, muitos com idades já avançadas, o que torna ainda um obstáculo para adquirir um trabalho formal. Por isso, são pessoas que procuram condições de sobreviver com o pouco que sabem e/ou podem fazer para ter comida em sua mesa.

É necessário mencionar que apesar de ser intitulada “feira de trocas”, nem só do escambo vivem os feirantes, pois em sua maioria, o objetivo é vender seus produtos. A troca é uma maneira que os mesmos acharam de não retornarem com os produtos para suas casas. Como também uma forma de tentar, através desse escambo, se desfazer do objeto e conseguir um preço mais alto, mostrando uma de suas maiores características, a criatividade.

Esse estudo buscou identificar e analisar fatores ligados, direta ou indiretamente, a essa atividade, buscando assim respostas que pudessem revelar as causas do atual crescimento desta atividade no local estudado.

Dentre os fatores identificados na pesquisa responsáveis pela expansão dessa atividade, estão: 1) a desigualdade social, como fator preponderante para a miséria; 2) a tecnologia, como fator de desemprego; 3) a falta de políticas públicas, no combate a miséria,

deixando que pessoas vivam de atividades marginalizadas; 4) o fácil acesso a bens de consumo, responsável pelo grande número de objetos em feiras dessa natureza; e, 5) o êxodo rural, responsável por levar o homem do campo para os centros urbanos, sem profissão e que recorre à atividade irregular: os ambulantes.

Espera-se ter contribuído para identificar e trazer ao conhecimento das autoridades governamentais e sociedade em geral, algumas respostas para os possíveis fatores motivadores do crescimento “exacerbado” da feira de trocas, aqui estudada.

Verificou-se que as hipóteses da pesquisa foram confirmadas. O desemprego foi apontado como principal motivo para a atração de cidadãos para tal atividade, como também em busca de renda extra por parte daqueles que mesmo empregados, passam por dificuldade financeira, procuraram outros suplementos financeiros em momentos de folga, negociando nas feiras de trocas para complementar seu orçamento doméstico. Conclui-se, também, que o nível de escolaridade dos feirantes, muito baixo, explique a falta de qualificação e conseqüentemente a sua exclusão no mercado de trabalho.

As entrevistas revelaram que uma das principais dificuldades desses ambulantes, é a falta de local adequado para o trabalho, aliado ao baixo lucro. Por outro lado, os feirantes demonstraram, também, que trabalham com aparente entusiasmo, embora não satisfeitos com os resultados financeiros obtidos na atividade, nem com as condições a qual são submetidos, trabalhando sob sol e chuva, em local inadequado, sem o mínimo de condições para se abrigarem quando desenvolvem seus trabalhos.

Outros fatores como a origem dos produtos ali comercializados também foram observados, contatou-se que, apesar de existir o mito de que tudo que se comercializa nas feiras de trocas é fruto de roubos e/ou de furtos, essa impressão foi desfeita, pois muitos produtos comercializados são de origem lícita. Existe, realmente, uma pequena parcela de produtos oriundos de crimes. Porém, esse fator não foi explorado nesta pesquisa, pois não é o objetivo da pesquisa, além de considerar que a investigação de produtos ilícitos é papel da segurança pública, a polícia.

Sabe-se que há necessidade de um trabalho mais aprofundado para desvendar todo o universo de uma feira livre, as relações dos sujeitos envolvidos nessa atividade, os fatores sociais intrinsecamente relacionados ao seu modo de vida, sua escolaridade deficitária, sua exclusão trabalhista, a emigração do homem do campo, dentre outros.

De certa forma, tentou-se dar a nossa contribuição em trazer para a sociedade uma reflexão do que há no entorno de uma atividade tão peculiar como uma “feira de trocas”.

Desta forma, deseja-se que o presente estudo, apesar das dificuldades, tenha continuidade, de modo a responder às inquietações da sociedade e ciências afins, como também, enriquecendo o nosso aprendizado como pesquisador, obtendo as preciosas informações contidas nesse universo do setor informal.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**: 8. ed. 1ª reimpressão - São Paulo - SP: Contexto, 2007. (Repensando a Geografia)

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro- RJ: Bertrand Brasil, 1995.

COSTA, Antônio Albuquerque da. **Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio-técnico-científico-informacional**: a feira de Campina Grande na interface desse processo. 2003 - f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE. 2003.

IBGE, Perfil dos municípios brasileiros, Rio de Janeiro : IBGE / DEPIS, 1999

RODRIGUEZ, Janete Lins. (coord.). **Atlas Escolar da Paraíba**. 3 ed. João Pessoa: grafset, 2002.

RODRIGUES, Arlete Moisés. **Moradia nas Cidades Brasileiras**. 9 ed. São Paulo. Contexto, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único a consciência universal. 15ª Ed. Rio de Janeiro- RJ: Record, 2008.

_____. **O Espaço Dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro-RJ: F. Alves, 1979.

_____. A procura de um objeto. **In-Metamorfose do espaço habitado**. 3ed. São Paulo-SP: Lucinete, 1988, p. 25-2.

SOUZA, Marcelo Lopes de, 1963-**ABC do desenvolvimento urbano** - Rio de Janeiro-RJ: Bertrand Brasil. 2003.

ZAOUAL, Hassan. **Globalização e diversidade cultural**. tradução de Michel Thiollent. São Paulo-SP: Cortez, 2003. – (Coleção Questões da Nossa Época; v.106).

APÊNDICE

ENTREVISTA APLICADA AOS COMERCIANTES DA FEIRA DE TROCAS DO MERCADO CENTRAL DE CAMPINA GRANDE- PB. EM, 14/ 08/ 2010.

1.0 - Idade:

1.1- Sexo:

1.2- Escolaridade:

1.3- Profissão:

1.4- Bairro onde mora:

1.5- Estado civil:

1.6- Tem filhos?

2- Qual o motivo que o levou a vir trabalhar nesta feira?

3- Há quanto tempo você desempenha esta atividade?

4- Os resultados são satisfatórios?

5- Você trocaria essa atividade por outra? Se sim qual?

6- Você desempenha esta atividade apenas aqui? Se outro local, onde?

7- Onde você adquire os produtos que você comercializa? Aqui também?

8- Você tem outra atividade profissional? Se tem qual?

9- Em média, em dias de feira, quanto em reais você lucra?

10- Que horas você chega e que horas você sai dessa feira?

11- Quais as principais dificuldades encontradas por você, para realizar essa atividade?

12- Quantas pessoas trabalham com você nessa atividade?